

e-mail: atendimento@edglobo.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.
Impressão e acabamento:

Gráfica Círculo

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte - Câmara Brasileira do Livro, SP
Borges, Jorge Luis, 1899-1986.

Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 2 / Jorge Luis Borges. - São Paulo : Globo, 2000.

Título original: Obras completas Jorge Luis Borges. Vários tradutores.
v. 1. 1923-1949 / v. 2. 1952-1972 ISBN 85-250-2877-0 (v. 1) ISBN 85-250-2878-9 (v. 2)

1. Ficção argentina 1. Título.

CDD-ar863.4

Índices para catálogo sistemático

1. Ficção : Século 20 : Literatura argentina ar863.4

1. Século 20 : Ficção : Literatura argentina ar863.4

OUTRAS INQUISIÇÕES
Otras Inquisiciones
Tradução de Sérgio Molina

de um corretor da Bolsa realmente saem ruídos que significam todos os mistérios da memória e todas as agonias do desejo" (*G. F. Watts*, p. 88, 1904).

KAFKA E SEUS PRECURSORES

Certa vez premeditei um exame dos precursores de Kafka. De início, eu o julgara tão singular como a fênix das loas retóricas; depois de algum convívio, pensei reconhecer sua voz, ou seus hábitos, nos textos de diversas literaturas e de diversas épocas. Registrarei aqui alguns deles, em ordem cronológica.

O primeiro é o paradoxo de Zenão contra o movimento. Um móvel que se encontra no ponto A (declara Aristóteles) não poderá chegar ao B, porque antes deverá percorrer a metade do percurso entre os dois, e antes, a metade da metade, e antes, a metade da metade da metade, e assim até o infinito; a forma desse ilustre problema é, exatamente, a de *O Castelo*, e o móvel, e a flecha, e Aquiles são os primeiros personagens kafkianos da literatura. No segundo texto que o acaso dos livros me deparou, a afinidade não está na forma, e sim no tom. Trata-se de um apólogo de Han Yu, prosador do século IX, e consta na admirável *Anthologie Raisonnée de la Littérature Chinoise* (1948) de Margouliè. Este é o parágrafo que assinalei, misterioso e tranqüilo: "Universalmente admite-se que o unicórnio é um ser sobrenatural e de bom agouro; assim o declaram as odes, os anais, as biografias de varões ilustres e outros textos de indiscutível autoridade. Até os párvulos e as mulheres do povo sabem que o unicórnio constitui um presságio favorável. Mas esse animal não figura entre os animais domésticos, nem sempre é fácil encontrá-lo, não se presta a uma classificação. Não é como o cavalo ou o touro, o lobo ou o cervo. Em tais condições, poderíamos estar diante do unicórnio e não saberíamos com

segurança que se trata dele. Sabemos que tal animal com crina é cavalo e que tal animal com chifres é touro. Não sabemos como é o unicórnio".¹

O terceiro texto procede de uma fonte mais previsível: os escritos de Kierkegaard. A afinidade mental de ambos os escritores é coisa por ninguém ignorada; o que não se destacou ainda, que eu saiba, é o fato de Kierkegaard, assim como Kafka, ter sido pródigo em parábolas religiosas de tema contemporâneo e burguês. Lowrie, em seu *Kierkegaard* (Oxford University Press, 1938), transcreve duas. Uma é a história de um falsificador que examina, vigiado incessantemente, as cédulas do Banco da Inglaterra; Deus, do mesmo modo, desconfiaria de Kierkegaard e lhe teria encomendado uma missão, justamente por sabê-lo afeito ao mal. O sujeito da outra são as expedições ao Pólo Norte. Os párocos dinamarqueses teriam declarado de seus púlpitos que participar de tais expedições convinha à saúde eterna da alma. Teriam admitido, entretanto, que chegar ao Pólo era difícil, talvez impossível, e que nem todos poderiam empreender a aventura. Por fim, teriam anunciado que, olhando-se bem, qualquer viagem – da Dinamarca a Londres, digamos, no vapor de carreira – ou um passeio dominical em carro de praça são verdadeiras expedições ao Pólo Norte. Quanto à quarta prefiguração, encontrei-a no poema "Fears and scruples", de Browning, publicado em 1876. Um homem tem, ou acredita ter, um amigo famoso. Ele nunca o viu, e o fato é que, até o momento, o tal amigo não pôde ajudá-lo, mas dele contam-se gestos muito nobres e circulam cartas autênticas. Há quem ponha em dúvida os gestos, e os grafólogos afirmam a apocrifia das cartas. O homem, no último verso, pergunta: "E se esse amigo for Deus?".

Minhas notas registram, também, dois contos. Um deles pertence às *Histoires Désobligeantes*, de Léon Bloy, e relata o caso de algumas pessoas que juntam globos terrestres, atlas, guias ferroviários e baús e que morrem sem nunca ter conseguido sair de seu povoado natal. O outro intitula-se "Carcassonne" e é obra de Lord Dunsany. Um invencível exército de guerreiros parte de um castelo infinito, subjuga reinos, vê monstros e fadiga os desertos e as montanhas, mas eles nunca chegam a Carcassonne, embora por vezes a divisem. (Este conto é, como se percebe facilmente, o reverso exato do anterior; no primeiro, nunca se sai de uma cidade; no último, não se chega.)

Se não me engano, os heterogêneos textos que enumerei parecem-se a Kafka; se não me engano, nem todos se parecem entre si. Este último fato é o mais significativo. Em cada um desses textos, em maior ou menor grau, encontra-se a idiosincrasia de Kafka, mas, se ele não tivesse escrito, não a

¹ O desconhecimento do animal sagrado e sua morte oprobriosa ou casual nas mãos do vulgo são temas tradicionais da literatura chinesa. Ver o último capítulo de *Psychologie und Alchemie* (Zurique, 1944), de Jung, que traz duas curiosas ilustrações.

perceberíamos; vale dizer, não existiria. O poema "Fears and scruples", de Robert Browning, profetiza a obra de Kafka, mas nossa leitura de Kafka afina e desvia sensivelmente nossa leitura do poema. Browning não o lia como agora nós o lemos. No vocabulário crítico, a palavra *precursor* é indispensável, mas se deveria tentar purificá-la de toda conotação de polêmica ou de rivalidade. O fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, como há de modificar o futuro.² Nessa correlação, não importa a identidade ou a pluralidade dos homens. O primeiro Kafka de *Betrachtung* é menos precursor do Kafka dos mitos sombrios e das instituições atroztes que Browning ou Lord Dunsany.

Buenos Aires, 1951.

² Ver T S. Eliot: *Points of View* (1941), p. 25_26.